



MASCULINO E FEMININO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

Lídia Maria Nazaré Alves¹,

¹Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense, Professora da UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais), Professora da FACIG, lidianazare@hotmail.com

Resumo:- Este artigo foi motivado por leituras, cujos temas viabilizam discussões e reflexões sobre a função adâmica do homem que, ao organizar a cultura ocidental, a partir de pares opositivos, dificultou o encontro entre o masculino e o feminino. Acreditamos que tal dificuldade encontra-se na ordem do dia. Dessa dificuldade, ou ainda, desta antinomia, criou-se entre os gêneros a relação centro *versus* margem. A pesquisa, de caráter bibliográfico, alumiou os artigos que Clarice Lispector, com o pseudônimo de Helen Palmer, veiculou no jornal **Correio da manhã**, na coluna *feira de utilidades*, entre agosto de 1959 a fevereiro de 1961. Na referida, a articulista criou e confirmou estereótipos de gênero, atitude totalmente inversa à sua função social, como autora. No jornal, ela cria o gênero e, nas obras literárias, coloca-os em cheque, sugerindo, com isso, sua desconstrução.

Palavras-chave: construção; mito; antinomia; gênero; Helen Palmer; Clarice Lispector

Área do Conhecimento: Educação

INTRODUÇÃO

Neste artigo, objetivamos levantar possibilidades de discussão sobre o modo como a tradição ocidental nomeou o mundo, a partir da organização binária da linguagem, bem como as implicações de tal organização para a relação social do gênero feminino e masculino.

À luz de um teólogo alemão, Edmund Leach (1971) em seu estudo intitulado *A Gênese como mito*, define mito como sendo “a expressão de realidades não observáveis, colocadas em termo de fenômenos observáveis”. Para o autor todas as histórias da Bíblia são mitos, independente de haver correspondência entre elas e os fatos históricos. Acredita, ainda, que os sistemas mitológicos apresentam dois traços comuns: suas diferentes versões e seu caráter binário bem marcado. De fato, uma leitura atenta das histórias da Bíblia corrobora tal asserção. Para exemplificar, tomo alguns exemplos do Pentateuco, de Moisés.

No caso das diferentes versões, vejamos: Em Gênesis 1, 27, dá-se a criação do homem: “E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher”. Em Gênesis 2, 7, dá-se nova criação: “Então Javé Deus modelou o homem com argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente”. Posteriormente, ainda em Gênesis 9, 1, Deus lembra-se de Noé e dá-se a nova criação, após o dilúvio: “Deus abençoou Noé e seus filhos, dizendo: “Sejam fecundos, multipliquem-se e encham a terra”. Essa redundância tranquiliza o espírito do homem, porque ratifica a compreensão que ele tem e reforça o ponto nevrálgico das versões anteriores.

No caso do caráter binário, bem marcado, citemos os seguintes excertos: “No princípio, Deus criou o céu e a terra”; “E Deus separou a luz das trevas”; “à luz Deus chamou ‘dia’, e às trevas chamou ‘noite’; “Houve uma tarde e uma manhã”. Para finalizar a criação, Deus criou o homem e a mulher. É sempre assim no mito, lembra Leach, “Deus se opõe ao mundo e o próprio mundo é sempre dividido em dois registros de oposições: macho e fêmea, vivo e morto, bem e mal, primeiro e último ...” (LEACH, 1971).

A partir do teólogo, observamos que no sistema mitológico tudo se processa em termos opositivos. Não há um entre-lugar viabilizando uma negociação dos pólos, porque as oposições binárias são bem marcadas e fazem parte do processo pelo qual passa o pensamento humano. Céu e terra, luz e treva, dia e noite, manhã e tarde não se encontrarão sem que o caos suprima a ordem estabelecida. O consenso dessa oposição é justificado pela essência do mito, que consiste na “sua não racionalidade, uma vez que a religião exige, para que a fé se manifeste, a suspensão da dúvida crítica” (LEACH, 1971). Somos simpáticos a essa idéia, no que tange à leitura de alguns mitos. Nada pode haver de mais tranquilizador que a certeza de que à ordem não sucederá o caos. Queremos dizer que é de acordo com o mito que tentamos entrar em concordância com o mundo, harmonizando vida e realidade.

Noutro ponto o ser humano também entra no rol dos seres criados, citados no mito. São machos e não machos e as pessoas do sexo oposto são disponíveis ou não, no que se refere à parceria sexual. A palavra disponível já é um aceno para a hierarquia de valores existente nessa relação. Isso porque a parte disponível parece relacionar-se

mais à figura feminina. Sempre na condição de ser-escolhido. Desta forma a suspensão da dúvida crítica tranquiliza somente uma parte do binômio, a masculina, restando à parte feminina a eterna condição de dependente de. Lemos no mito que Eva não foi criada para si mesma e sim para companheira de Adão, e de uma costela dele. Esse mito quer justificar o quanto a superioridade masculina é esmagadora.

Essa estrutura mítica, opositiva, tem influenciado o modo como o nosso sistema de sexo-gênero vem sendo imaginado. Percebemos certa passividade nesta organização social mítica, que em muito vem prejudicando a relação entre o masculino e o feminino. Pois se aceitamos pacificamente – porque as implicações não são graves – o fato de que céu e terra, luz e treva, dia e noite, manhã e tarde não se encontrarão, poderíamos pensar, por extensão, que ao homem e à mulher estaria reservado esse mesmo destino. Foi esse o modo como rastreamos a condição do referido binômio ao longo da história. Como é do nosso conhecimento as práticas culturais é que se encarregam da construção e disseminação desse imaginário. Entre essas práticas encontra-se a literatura ocidental que, para Northrop Frye (1957) “tem sido influenciada mais pela Bíblia do que por qualquer outro livro”.

Com relação à influência do texto bíblico nessas diversas formas culturais, sabemos que há aqueles que objetariam, justificados pela diversidade de interpretação que desse texto podemos fazer. Realmente existe a diversidade. Entretanto, consoante os resultados de nossas leituras, parece haver concordância no fato de que o primeiro par biológico criado – homem e mulher – com suas especificidades, seja natural, como nos sugere uma interpretação fundamentalista do mito. Esse tipo de interpretação vem legitimando, ao longo dos séculos, uma forma de relação social injusta, porque desigual, já que o papel do homem vem sendo priorizado em detrimento do da mulher.

O PAPEL DA CRÍTICA FEMINISTA

Diante dessa relação desigual sempre surge uma manifestação aqui, outra ali, contribuindo para que a mulher ocupe o lugar da diferença tanto na relação homem/mulher quanto na relação mulher/mulheres. O questionamento vem da parte dos teóricos que, voltando seus estudos para as diferenças constitutivas do homem e da mulher, nos colocam a par do caráter arbitrário, contingente, mítico, portanto, dessas diferenças “históricas” que o senso comum faz acreditar naturais.

Quero citar três autores que me são muito caros, dada a contribuição para o desenvolvimento do *corpus* desse estudo. Trata-se de Pierre

Bourdieu (1999), Simone de Beauvoir (1970) e Teresa de Lauretis (1994). A partir da leitura de seus estudos, que citamos na ordem: A dominação masculina; O segundo sexo e A tecnologia do gênero, observamos que nada é natural na coletividade humana, sendo Beauvoir partidária da ideia de que “ninguém nasce mulher: Torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1970. p. 179), Bourdieu, partidário dessa outra, que em muito se aproxima da anterior: A diferença biológica entre os sexos pode ser vista como “justificativa natural” da diferença socialmente “construída” entre os gêneros e, “principalmente, da divisão social do trabalho” (BOURDIEU, 1999. p. 20) e Teresa de Lauretis, partidária de uma outra que aponta para o gênero como sendo “representação” (BUARQUE DE HOLLANDA (Org.). 1994. p. 209), resultante da tecnologia de gênero.

A partir desses dois pensamentos antagônicos – refiro-me ao gênero feminino e masculino tomado como algo natural, como sugere o mito criacionista e o senso comum e ao gênero feminino e masculino tomado como uma construção social, histórica, mítica, como sugerem Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir e Teresa de Lauretis– queremos dizer que o termo “gênero” começou a ser usado pelas feministas como uma maneira de referir-se à organização das relações entre os sexos no referido espaço cultural. Gênero é, pois, um construto social: o sentido dado ao comportamento dos sexos masculino e feminino é construído nas relações socioculturais, na interdependência das práticas que constituem as instituições sociais e estão presentes nos indivíduos e nos espaços em que estes interatuam. O estudo das relações de gênero vem sofrendo alterações. De uma tendência que o liga mais à biologia à outra, mais ligada ao social.

Darlene J. Sadlier em seu ensaio Os debates sobre a mulher/gênero na teoria crítica feminista nos EUA (SCHIMIDT (Org.). 1997. p. 17.), desenvolveu um longo estudo versando sobre os conflitos internos e sobre os rumos que vem tomando a crítica feminista nos EUA, desde suas origens. Nesse estudo, lembra-nos, que no início a crítica tratava de estudos da ‘mulher’ e que atualmente o termo ‘gênero’ vem deslocando a palavra ‘mulher’. No primeiro caso, o essencialismo feminista, preocupado com a questão da diferença entre o binômio masculino/feminino, criava paralelamente um estereótipo de mulher difícil de ser alcançado – pelas mestiças, por exemplo. Já, no segundo, leva em consideração questões como raça e classe social.

Ainda assim as lésbicas acreditam que os conceitos continuam configurados em termos de masculino e feminino, sendo elas excluídas. A

despeito dessas diferenças, termina seu estudo dizendo que um termo ou outro é irrelevante, quando se sabe que mulheres e crianças constituem grande parte da população vivendo na pobreza nos Estados Unidos.

Teresa de Lauretis, em artigo citado anteriormente, também atenta para a questão, ao afirmar que nas décadas de 60 e 70 foram criados espaços sociais marcados por especificidades de gênero, como o 'quarto de mulheres', os núcleos de mulheres dentro das disciplinas, os estudos sobre a mulher e outros espaços afins: gendrados. O propósito da semióloga é atentar para as limitações e prejuízos que um estudo de gênero, atrelado somente às diferenças sexuais, pode acarretar, inviabilizando perceber diferenças entre as mulheres, ou ainda nas mulheres.

Diante desse "conflito" parece-nos que seguir uma ou outra tendência dependerá da visão do crítico, dos seus objetivos, do *corpus* textual escolhido e, sobretudo, de onde fala esse crítico. No caso desse estudo, por exemplo, centrado numa coluna endereçada à mulher brasileira, oferecendo-lhe "dicas" de feminilidade, não vemos como abandonar a relação sexo-gênero, tão presente ainda em nossa sociedade. Todavia, nosso olhar não inviabiliza flagrarmos a diferença na relação social de gênero.

Para entendermos como as especificidades de gêneros são construídas, deixando a mulher em estado de dependência em relação ao homem e a outras que não lhes são iguais, precisamos analisá-las num determinado espaço histórico sociocultural uma vez que, como lembrou Sônia Montecinos "Lo que en una sociedad es verdad inmutable, no lo es en outra" (MONTECINOS, 1991. p. 22). Neste caso, parece prudente não ficarmos atrelados a uma visão unilateral do conceito de gênero.

O que pretendemos, neste espaço, é investigar os mecanismos através dos quais as práticas culturais disseminam e legitimam definições tradicionais de gênero e as implicações dessa disseminação e legitimação nos corpos. Contudo, estamos conscientes de que ao optarmos pela desmitificação do feminino, corremos o risco de construirmos mais um espaço gendrado. Este espaço que, segundo Lauretis, criamos toda vez que entendemos o gênero somente a partir da diferença sexual.

Em nosso caso é possível não haver como evitar o referido espaço, já que o que pretendemos é devolver à diferença entre o masculino e o feminino o seu caráter arbitrário. Obviamente trata-se de situação conflituosa. Contudo, cremos que vale a pena o risco, já que no Brasil a questão da diferença sexual ainda continua na ordem do dia.

Noutro ponto estaremos atentas, de igual maneira, à diferença que se processa na relação social de gênero, postura que tende à amenização ou mesmo à dissolução do referido conflito.

Isto dito, utilizaremos dois tipos de teorias que se complementam. Uma relacionada mais à diferença de gênero, em termos de masculino e feminino, e outra voltada mais para a diferença na relação social de gênero.

Entre uma ou outra, julgamos que a proposta de Lauretis é a que se adequa com mais propriedade ao tema que examinamos, porque mais abrangente. O jornal pode ser considerado o que ela chamou "Tecnologia de gênero". Essa tecnologia ao contribuir com a sexualização do corpo promove a diferença de gênero e da relação social de gênero. Por isso ela propõe:

pensar o gênero a partir de uma visão teórica foucaultiana, que vê a sexualidade como uma 'tecnologia sexual'; desta forma, propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas da vida cotidiana (BUARQUE DE HOLLANDA (Org.). 1994. p. 208).

Trata-se de uma proposta bastante pertinente, sobretudo para mulheres negras e mestiças latinoamericanas. Pertinente, porque viabiliza a (re) organização de novos arranjos de gênero que possam beneficiá-las. Embora tenhamos consciência de que as mulheres brancas tenham sido tão vitimadas pelos homens quanto às mestiças, sabemos que, somente a partir de uma visão do feminismo tradicionalista – ainda muito atrelada à relação de sexo-gênero –, essas constituem a diferença daquelas.

Nesses termos o ideal é que pensemos o sujeito – aqui a mulher – constituído no gênero, sim, mas além da diferença sexual. Ainda Lauretis: "Um sujeito 'engendrado' não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido" (BUARQUE DE HOLLANDA (Org.). 1994. p. 208).

Para a efetivação de nosso trabalho optamos pela leitura dos artigos da colunista Helen Palmer, escritos no final e inícios das décadas de 50 e 60. Nos seus artigos verificamos o modo criterioso e sistemático como o gênero vem sendo construído e predicado à mulher, bem como as possíveis consequências dessa construção.

Nossa escolha adveio do paradoxo que flagramos entre o pseudônimo da colunista e o nome que se esconde atrás dele, trata-se da escritora Clarice Lispector. Como é do nosso conhecimento essa escritora é uma das mais citadas pela crítica feminista brasileira justamente por desconstruir o lugar cultural pronto, como o construído, por exemplo, pela colunista Helen Palmer. Sua desconstrução coloca em cheque o caráter *in natura* do gênero viabilizando assim a (re)organização de nossos arranjos de gênero.

UM FLASH NOS ESTUDOS DE GÊNERO

Segundo Beauvoir (1970. p. 33-4) desde os primeiros tempos do patriarcado, as mulheres encontram-se em estado de dependência, por isso constituíram-se no Outro. Para melhor legitimar essa espécie de colonialismo e essa recusa de considerar a mulher como pessoa humana plena, um seu semelhante, uma gama considerável de mitos foram forjados, pelo imaginário masculino, baseados nas características psico-biológicas das mulheres. Esses mitos, ao mesmo tempo que viabilizavam pertencimento às mulheres, delimitavam seus espaços de atuação. Quando nos voltamos para eles, verificamos o quanto eles encurralam a mulher nos apertados limites de seu próprio corpo e, conseqüentemente, nos limites da casa paterna. Beauvoir elucida isso quando atenta para nossas práticas culturais. Segundo ela:

A mulher á a Bela Adormecida no Bosque, Cinderela, Branca de Neve, a que recebe e suporta. Nas canções, nos contos, vê-se o jovem partir aventurosamente em busca da mulher; ele mata dragões, luta contra gigantes; ela acha-se encerrada em uma torre, um palácio, um jardim, uma caverna, acorrentada a um rochedo, cativa, adormecida: ela espera [...] Os refrões populares insuflam-lhe sonhos de paciência e esperança. A suprema necessidade para a mulher é seduzir um coração masculino; mesmo intrépida, aventurosas, é a recompensa a que todas as heroínas aspiram; e o mais das vezes não lhes é pedida outra virtude senão a beleza (BEAUVOIR, 1970. p. 33-4).

Tal estratégia de colonização só se torna possível depois de um “extraordinário trabalho” coletivo de socialização “difusa e contínua” que as identidades distintivas que a arbitrariedade cultural institui se encarnam em “*habitus*” (BOURDIEU, 1999. p. 34).

Esse termo foi usado por Bourdieu para denotar a oposição entre os gêneros, “isto é, como *habitus* viril, e portanto não feminino, ou feminino, e portanto não masculino”.¹ Incorporado esse *habitus*, cada gênero procura responder às especificidades que lhes foram atribuídas, ingressando assim no sistema de sexo-gênero no qual estamos inseridos todos.

A partir dessa estratégia política, estavam lançadas as bases de um sistema de *genderização* cultural. Dois gêneros foram formados: masculino/feminino, ancorados nos pares biológicos homem/mulher. Lançadas tais bases, coube às práticas culturais tão somente “zelar”, assim entre aspas, para que a posteridade lhe fizesse eco.²

Assim podemos dizer que a “nudez” do primeiro par biológico criado, homem/mulher é agora “vestida” pelo processo de *genderização* cultural, masculino/feminino. Essa nova “roupagem” caiu-lhes tão bem, que por muito tempo não se pôde diferenciar uma coisa da outra. Explico-me melhor, masculino passou a ser condição para que se fosse homem e feminino passou a ser condição para que se fosse mulher. Entretanto, quem define os predicativos o faz de maneira subjetiva e a partir de estereótipos que nem todos podem alcançar. Hoje, quando preconizamos (des) historicizar tal questão, destacando-lhes as partes, para estudarmos os processos culturais de sua construção, porque nos beneficia, somos incompreendidos e muitas vezes satanizados, uma vez que há sempre os que objetariam dizendo que inúmeras mulheres romperam com as normas pré-estabelecidas pela tradição. Conscientes desse fato, precisamos indagar sobre até que ponto essa ruptura, essa libertação não continuam subordinadas ao ponto de vista masculino.

Embora estejamos conscientes de que uma exposição teórica sobre o assunto seja complexa, pretendemos levar esse estudo até os limites de nossa compreensão desse processo de *genderização* cultural, porque acreditamos que, em alguns aspectos, tal processo impediu e ainda impede que muitas mulheres, a maioria delas,

¹ Segundo Bourdieu os gêneros têm apenas uma existência relacional sendo cada qual produto de um trabalho diário, ao mesmo tempo prático e teórico à sua produção como *corpo socialmente diferenciado* do gênero oposto (BOURDIEU, 1999:33).

² Bourdieu lembra que “inscrita nas coisas, a ordem masculina se inscreve nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados” (BOURDIEU, 1999:34).

construíssem suas próprias identidades. Por fazermos parte de uma minoria que tem acesso a tal informação, vislumbramos a quebra do silêncio a que fomos submetidas, servindo de ponte para aquelas (aqueles) que ignoram tal saber, através do nosso discurso. Assim estaremos fazendo eco à meta básica da teoria feminista que, segundo Jane Flax:

[...] é (e deve ser) analisar as relações de gênero: como as relações de gênero são constituídas e experimentadas e como pensamos ou, igualmente importante, não pensamos sobre elas. O estudo das relações de gênero inclui temas que são em geral considerados caracteristicamente feministas, mas não se limita a eles: a situação das mulheres e a análise da dominação masculina. A teoria feminista inclui também um (pelo menos implícito) elemento prescritivo. Através do estudo do gênero, esperamos alcançar um distanciamento crítico em relação aos arranjos de gênero existentes. Esse distanciamento crítico pode ajudar a desobstruir um espaço no qual a reavaliação de nossos arranjos de gênero existentes se tornem mais possíveis (BUARQUE DE HOLLANDA (Org.). 1992, p. 217).

À luz dos teóricos que expusemos até o momento e de outros, que citaremos oportunamente, e ainda resgatando o olhar de Jane Flax, procuraremos refletir sobre o modo como as relações de gênero são constituídas e experimentadas. Para tanto, estaremos atentos às seguintes questões:

1. Os Aparelhos Ideológicos do Estado, sobretudo os da informação.
2. As estratégias discursivas de que se servem para a construção do gênero.
3. A necessidade sociológica dessa construção.

Mediatizadas por esses fios condutores, nossas reflexões têm ancoradouro certo, ou seja, pretendemos refletir se Mulher nasce mulher?

Temos consciência, entretanto, que para refletirmos sobre tal questão precisamos rastrear outras, de ordem menor, que nos levarão ao entendimento daquela, a saber:

Que significa ser mulher dentro de um sistema de sexo-gênero?

Na esteira de Lauretis estaremos projetando nosso estudo sobre a linguagem publicitária da colonista Helen Palmer, procurando compreender melhor as questões citadas anteriormente.

A CRIAÇÃO DO GÊNERO N'O CORREIO FEMININO.

À luz do que vimos até aqui, já podemos diferenciar sexo e gênero. Recordamos que o primeiro relaciona-se às diferenças biológicas, mais especificamente anatômicas entre o corpo do homem e da mulher, sendo o segundo produto de uma construção social. Este foi predicado de forma tão eficiente àquele que por pouco não nos damos conta da diferença entre ambos.

O gênero, enquanto um constructo social, arrasta consigo a faculdade de oferecer pertencimento a ambos os sexos. Isso devido as suas especificidades que, se bem orquestradas (queremos dizer de forma equilibrada) promoveriam a satisfação plena do homem e da mulher. Para alcançarmos esse ideal urgiria a compreensão de que cada sexo é um modo de ser da pessoa humana devendo, por isso, realizar-se (cada qual) de forma plena e integrada.

O mito criacionista lança luz sobre esse aspecto da vida humana, sobre essa necessidade de realização e integração. Adão não era feliz no paraíso, porque lhe faltava o sexo oposto, Jeová cria-lhe uma companheira, Eva. Diante dela, Adão rejubila e agradece. A realização plena de ambos deve ser permitida, cada um respeitando a originalidade do outro. A cena original da sexualidade aponta para a necessidade do relacionamento afetivo entre os opostos. Obviamente não pretendemos absolutizar a sexualidade, colocando-a como condição única para a realização plena do ser, mas acreditamos que ela seja uma peça importante no jogo dessa realização. É possível que ela esteja relacionada com a originalidade a que nos referimos anteriormente.

Contudo, a hierarquia existente entre os opostos instiga-nos a voltar o nosso olhar para o caráter contingente e arbitrário da construção do gênero. No lugar do esperado pertencimento, observamos que as mulheres parecem cada vez mais alienadas nos limites de seu próprio corpo. Referimo-nos sempre ao corpo porque, conforme lembra Bourdieu, é ele que o mundo constrói como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e divisão sexualizantes.

De fato, quando voltamos nosso olhar para os artigos de Helen Palmer notamos que é no corpo que ela procura inscrever a diferença entre os sexos biológicos, “conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres” (BOURDIEU, 1999. p. 20), caso em que a diferença biológica justifica, por assim dizer, a diferença socialmente construída.

A MULHER: UM “SER PERCEBIDO”

A figura feminina vem sendo delineada, definida e construída ao longo da história. A incorporação desse imaginário faz-se mediante as práticas culturais, dentre as quais citamos o jornal **O Correio da Manhã**. Nele a colunista deixa claro que o pertencimento da mulher ser-lhe-á mais ou menos garantido mediante a aquisição de certas especificidades de gênero e não simplesmente por sua condição natural de fêmea.

Dessa asserção podemos extrair um primeiro corolário: sexo e gênero são condições distintas no ser humano. Assim se manifesta a colunista neste artigo do dia 23 de outubro de 1959, intitulado *Ser feia ...*

Não existem mulheres feias. Não é uma afirmação leviana, digo-o baseada na experiência que adquiri sobre a arte de embelezar a mulher e atrair a atenção masculina. Com a variedade de cosméticos e o artificialismo que os laboratórios atualmente criam para melhorar o que a natureza deu à mulher, só é feia quem quer. Não vou afirmar que qualquer uma poderá ter o rostinho de uma Elizabeth Taylor ou o corpo de uma Gina Lollobrigida, mas um bonito sorriso, uma pele macia, uns cabelos sedosos, uns olhos brilhantes, isso todas nós podemos obter. Com um pouco de trabalho, muita perseverança e alguma inteligência. A mulher moderna já não depende apenas dos dons que a natureza houve por bem dar-lhe para ser atraente. Porque também o homem moderno já não vai à procura apenas de uma linda carinha ou de umas curvas mais ou menos harmoniosas. Claro que isso influi. Muito. Mas não é tudo. Cuidados com a própria aparência, uma palestra interessante, finura, feminilidade são dons que se podem adquirir facilmente e que fazem de uma mulher sem nenhum dote físico especial, uma criatura atraente e até bonita. Portanto, se você, ao olhar-se ao espelho, não recebe de volta o reflexo de uma figurinha à la Marilyn Monroe, não se entristeça. O mundo hoje é da mulher inteligente. A beleza também... E...conseqüentemente, o amor. Estude-se em detalhes, trate-se, e descubra nos olhos masculinos que a admirarem como o espelho também pode mentir-lhe (PALMER, 1959).

A colunista afirma que o mundo de hoje é da mulher inteligente, contudo, mulher inteligente para ela é aquela que sabe administrar bem o seu corpo, de forma a torná-lo sempre atraente ao olhar masculino. O ideal da mulher é trilhar os caminhos que conduzem à feminilidade, a fim de agradar o homem. Mas não basta atrair esse olhar, é preciso continuar sempre atraente para manter o marido dentro de casa. Caso em que a razão de ser da mulher justificava-se pela existência do homem.

Daqui podemos extrair um segundo corolário: “Tudo na gênese do *habitus* feminino e nas condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro...” (BOURDIEU, 1999. p. 79).

Vejamos o que sugere o artigo do dia 7 de outubro de 1960 intitulado *O que os homens não gostam*.

Uma coisa é certa: nós, mulheres, desejamos e temos o dever de agradar aos homens. Ou, pelo menos, ao homem que amamos, não é verdade? [...] Assim sendo, a preferência masculina deve ser levada em consideração sempre que nos vestirmos, e enfeitarmos. A título de curiosidade e também de orientação para algumas inexperientes, dou aqui uma pequena lista de coisas, que muitas de nós usamos ou fazemos, e que um inquérito revelou ser ‘aquilo que os homens detestam’: 1.º – Vestido muito justo. 2.º – Pintura excessiva, principalmente nos olhos. 3.º – Modas sofisticadas e complicadas. 4.º – Saltos muitos altos. 5.º – Batom exagerado desenhando nova boca exótica. 6.º – Meias com a costura torta. 7.º – Excesso de jóias. 8.º – Decote exagerado. 9.º – Moça desembaraçada demais. 10.º – Mulher sabichona. [...] Vejamos: será que alguma de nós incorre em qualquer dessas ‘ojerizas’ masculinas? Então, é tempo de corrigir-nos. Chamar a atenção não é a finalidade de uma mulher elegante e inteligente. Mas sim ser atraente e ... agradar aos homens. Estou certa? (PALMER, 1960).

Por essa razão são comuns anúncios voltados para os cuidados com o corpo, como o citado acima. A problemática em torno dessa construção (mas há outras) é que, enquanto objetos simbólicos, as mulheres permanecem sempre inseguras, em permanente estado de vigilância corporal. Embora desnecessário, porque esse

efeito é inconsciente, a colunista adverte sempre às suas leitoras para os possíveis resultados de um deslize na vigilância do corpo. Observemos o fragmento de um artigo do dia 23 de dezembro de 1959 acenado para o fato. *O dever da faceirice*:

Se o seu marido está acostumado a vê-la despenteada, em chinelas, de roupa desleixada, sem pintura, aos poucos ele irá esquecendo a figurinha bonita que o atraiu antes, quando você só lhe aparecia enfeitada e perfumada. Começará a perguntar a si mesmo o que existe em você, afinal, de interessante ... e a resposta é perigosa, minha cara! Por outro lado, a rua está fervilhando de mulheres bonitas, mais bonitas porque têm a atração do desconhecido e do proibido. Nenhum homem, numa hora dessas, tem imaginação bastante para ver, sob as carinhas de boneca encontradas na rua a mesma figura de mulher em chinelas, despenteada e mal cuidada que ele deixou em casa (PALMER, 1959).

Toda essa construção, obviamente se passa de forma quase natural. Isso porque ela está atenta a pequenos detalhes do uso do corpo. É assim que a colunista se manifesta sobre a voz, o perfume, os passos numa dança, os passos em geral e o riso, nesta ordem:

A voz é um elemento importantíssimo na atração feminina. Não deve ser alta demais nem baixa demais, sem agudos desagradáveis ou tiques nervosos. Uma mulher atraente deve saber controlar a própria voz e a maneira de falar, nem muito rápida, nem muito lenta. Leia, em voz alta, um trecho de um livro qualquer. Faça sempre isso e acabará melhorando a sua dicção e o tom de sua voz (PALMER, 1959).

Ao escolher o perfume que vai usar, faça-o de acordo com a preferência do seu namorado, noivo ou marido. Não siga o seu próprio gosto, se não combinar com o do seu acompanhante. Lembre-se de que o perfume, na mulher, deve ser uma arma de atração. E uma importantíssima arma! (PALMER, 1959).

Não se vulgarize executando passos que chamem atenção, movimentos coreográficos, ou adotando atitudes lânguidas cinematográficas. Isso faz com

que você pareça extremamente ridícula, e mal educada (PALMER, 1959).

É importante numa mulher bonita o porte elegante e o andar. Mantendo a cabeça alta, os ombros para trás, o ventre encolhido, os pés pisando sempre em linha reta, um à frente do outro. Evite passos muitos largos, o que lhe dá uma aparência marcial e masculina, ou os passinhos muito curtos e saltitantes, que tornam ridícula a sua figura. Evite andar com os pés virados para dentro ou para fora, como também andar com as pernas afastadas. Isto lhe dá a aparência de meia idade, de pesadona, e lhe tira toda a elegância. Comece pousando o calcanhar no solo e descreva um arco até pousar a ponta do pé. Pode treiná-los antes para apresentar-se bem depois (PALMER, 1959).

Não faça economia do riso. Esteja sempre bem humorada, mesmo que as situações lhes sejam adversas. Nada melhor para a saúde do que a alegria (PALMER, 1959).

Além desses detalhes a colunista ressalta e faz valer outros qualificativos mais exorbitantes. Refere-se, por exemplo, às plásticas, em artigo do dia 27/11/59 e o seu *Decálogo de beleza*, publicado no dia 16/09/1959, parece resumir bem suas “dicas” de feminilidade advinda da beleza:

CULTIVE SUA BOA APARÊNCIA

A boa aparência faz com que a pessoa se sinta mais feliz e com um sentimento de segurança que muito a ajudará na vida. A boa opinião que fazem de nós é na verdade muito mais importante do que admitimos a nós mesmos. Não estamos falando de beleza, perfeição de traços, mas a um correto modo de se preparar e fazer o ‘make-up’ que ajude a mulher a parecer bela, mesmo quando seus traços são irregulares. Com todos os recursos que temos nos dias de hoje, a mulher não pode ser feia, e só será se quiser, deliberadamente. Mesmo para a feiúra irremediável – como se dizia antigamente – há recurso. A cirurgia plástica consegue corrigir a maior parte dos defeitos e os cosméticos apropriados são capazes de esconder cicatrizes no rosto e outras deformações. A maior parte dos problemas de personalidade desaparecem com a melhora da

aparência geral. Pelo fato de estar mais bonita, a mulher se sentirá mais feliz e terá mais possibilidades de viver uma vida produtiva, cercada de amigos e pessoas a quem desejará ajudar. Sim, porque a beleza da mulher pode e deve ser cultivada, não somente para vaidade e satisfação própria, mas para seu respeito e para a satisfação de sua família e seus amigos (PALMER, 1959).

DECÁLOGO DE BELEZA

- 1º - Se sua pele é seca e áspera, é necessário lubrificá-la com alimentos que contenham óleo.
- 2º - Se ela é oleosa, suprima de seu cardápio os alimentos gordurosos, a fim de evitar a formação dos cravos e espinhas.
- 3º - Coma muitas frutas e legumes crus. São ótimos para a saúde e ajudam a reduzir o peso
- 4º - Nunca se apresse em comer. E abandone a mesa antes de sentir-se saciada.
- 5º - As vitaminas são importantíssimas não apenas para a saúde como para a beleza. Procure conhecer os alimentos que contenham mais vitaminas e use-os abundantemente.
- 6º - Escove os seus cabelos diariamente, fazendo massagens no couro cabeludo. Uma cabeça bem cuidada embeleza qualquer mulher.
- 7º - O sono é precioso. Procure dormir pelo menos 7 a 8 horas diárias.
- 8º - Adquira o hábito de caminhar a pé pelo menos 1 hora por dia. Andar é bom para a circulação, e desperta o apetite.
- 9º - Evite as bebidas fortes, que prejudicam a pele e o seu organismo.
- 10º - Procure conservar o seu sorriso em todas as ocasiões. Uma mulher risonha e amável é sempre uma mulher bonita. Interesse-se pela vida, por seus semelhantes e seja bela e feliz! (PALMER, 1959).

A eficácia desse trabalho de construção social do corpo, a sua incorporação, torna-se possível, porque o texto da colunista trata de um constructo semiótico complexo, resultante da combinação de signos verbais e não verbais. É com esses recursos de composição plurissignica que a colunista consegue criar imperativos do tipo: Toda mulher existe para ser percebida. Para ser percebida a mulher deve ser feminina, logo se ela for feminina será percebida. Toda mulher deve ser

feminina. Existem produtos de beleza para torná-la feminina. Logo, usando-os será uma mulher feminina. Os seres humanos se dividem em dois grupos. São esses grupos masculino e feminino. Sendo um ser humano, seremos masculino ou feminino.

É assim que, além dos signos verbais, o olhar do leitor é seduzido pelos desenhos e fotografias. Na coluna os desenhos aparecem em número maior que as fotografias e a disposição desses elementos viabilizam a comunicação entre as estruturas. Desenhos e fotografias comunicam-se com os textos ao seu redor. (BARTHES, 1982. p.13.) Como lembra Bourdieu “o mundo da imagem é dominado pelas palavras”. A foto não é nada sem “a legenda que diz o que é preciso ler – *legendum* –, isto é, com muita frequência, lendas que fazem ver qualquer coisa” (BOURDIEU, 1997. p. 26).

Esse esquema estruturador invariável funcionando a modo de uma cantiga de ninar, nada apresenta de inusitado às leitoras, restando-lhes apenas incorporar em si o sistema mítico-ritual veiculado naquelas páginas, às quartas e sextas-feiras, saindo aos domingos um caderno completo.

O desenho e a fotografia são a representação, em termos gráficos, do conteúdo que virá na coluna. É o seu cartão de visita. Na verdade é o mesmo modelo de manequim que aparece em todos os artigos: mulher esbelta, pele clara, cabelos curtos, olhos oblíquos, pescoço e colo desnudos e certo ar de satisfação e graça que só a beleza pode oferecer, conforme acredita a colunista.

Qual seria o motivo da mesma imagem? Em que medida o jornal, veículo de transmissão cultural, difundiu signos ideológicos que permearam e se cristalizaram na história da mulher brasileira, ou ainda, na formação de sua consciência de mulher? Para Canclini (1996) a partir dos anos oitenta, grande parte do que se produz e se vê nos países periféricos é projetado – e decidido nas galerias de arte e nas cadeias de televisão, nas editoras e nas agências de notícias da Europa e dos Estados Unidos.

Como já comentamos, embora os desenhos e as fotografias pareçam simples, não podemos esquecer que tratam de signos ideológicos³, pois ao trabalhar com a representação pelo desenho e pela fotografia, a colunista transmite um valor de verdade, porque é esse valor que se pretende com este recurso, assim como com os desenhos, como nos esclarece Barthes:

³ Conforme lembra BAKHTIN (1979), “tudo que é ideológico é um *signo*. Sem signos não existe ideologia.”

Qual o conteúdo da mensagem fotográfica? O que é que a fotografia transmite? Por definição a própria cena, o real literal [...] evidentemente que a imagem não é real; mas ela é pelo menos o seu *analogon* perfeito, e é precisamente esta perfeição analógica que perante o senso comum, define a fotografia. Temos então o estatuto particular da imagem fotográfica: é uma mensagem sem código; proposição da qual temos imediatamente de extrair um corolário importante: a mensagem fotográfica é uma mensagem contínua. Existem outras mensagens sem código? À primeira vista, sim: são precisamente todas as reproduções analógicas da realidade: desenhos [...] Mas, efectivamente, cada uma dessas mensagens desenvolve de uma maneira imediata e evidente, além do próprio conteúdo analógico (cena, objeto, paisagem), uma mensagem complementar, que é aquilo a que se chama vulgarmente o *estilo* da reprodução; trata-se, então, de um sentido segundo, cujo significante é um certo 'tratamento' da imagem sob a ação do criador, e cujo significado, quer estético, quer ideológico, remete para uma certa 'cultura' da sociedade que recebe a mensagem [...] não há desenho, por muito 'exato' que seja, cuja própria exatidão não se transforme em estilo. (BARTHES, 1982. p. 15-6.)

Como já comentamos anteriormente, e ainda na esteira de Bhabha (1998), julgamos pertinente dizer que esse mecanismo de produção de significados faz parte do processo de construção do discurso colonial. É justamente esse modo de representação da alteridade que deve ser questionado. Afinal, já se disse que na álgebra do conquistador a unidade é a única verdade que conta.

Ao que nos parece a colunista não leva muito em conta as condições sociais de produção desse corpo feminino. Ao manifestar-se inscreve os casos particulares – Amélia – no quadro geral que abrange todas as mulheres quanto às suas obrigações femininas. Dirigia seu discurso para a dona de casa e também para as mulheres não tão ligadas às atividades domésticas. O importante era que todas as obrigações femininas fossem cumpridas. Resumindo: Para Helen Palmer ser mulher era sinónimo de ser feminina e ser feminina era responder a certos predicativos, como alertava e pensava Beauvoir.

À luz do que expusemos até aqui estamos entendendo que a colunista trabalha com signos estereotipados. É justamente essa fixidez da forma que nega o jogo da representação da diferença. Isto constitui um problema para a representação do sujeito em suas relações psíquicas e sociais. Afinal se nos perguntássemos o que significa ser mulher dentro desse sistema mítico ritual do qual Helen Palmer é porta-voz, depararíamos com uma resposta que excluiria

grande parte das mulheres. Exclusão essa realizada ou praticada por uma série de motivos como raça, classe e condição sócio-econômica, por exemplo, já que estariam fora desta representação por não apresentarem o corpo como o *locus amenus* do prazer.

Esse é o tom de todos os artigos que manuseamos. Em todos eles a colunista dita normas específicas que vão contribuindo com a construção do feminino, ou seja, ela vai *genderizando* este ser, ou ainda como prefere Beauvoir, vai 'construindo' a mulher. Obviamente, na medida em que ela vai pontuando normas femininas para a mulher a partir do olhar masculino, ela vai também contribuindo para a construção de uma fronteira limítrofe entre os gêneros masculino e feminino, além de ir demarcando o espaço social desta mulher. *Grosso modo*, poderíamos dizer que o espaço de atuação da mulher a la Helen Palmer não pode ultrapassar o limite do olhar masculino. Essa atitude não é mais que a contribuição para a manutenção da ordem simbólica, além de forma de manter a mulher dependente do homem.

NOS LIMITES DA CASA PATERNA

Além de trabalhar uma imagem de mulher voltada para o olhar masculino, Helen Palmer resgata, de igual maneira, velhos mitos que tendem a isolar a mulher da sociedade extrafamiliar, devido às exigências que lhe impõem as necessidades da casa. Essa necessidade de orquestrar dois tipos de imagem de mulher, ou seja, uma mais voltada à feminilidade, enquanto "ser-percebido" e outra mais voltada à masculinidade, enquanto "rainha do lar", justificam certas idiosincrasias nos artigos. Em artigo do dia 18/09/1959, intitulado *Fadiga ... inimiga da boa aparência*, ela diz que

Um corpo cansado, um rosto mostrando os sinais de fadiga, um ar desanimado são fatores de envelhecimento prematuro e má aparência. Razão porque toda mulher deve evitar a fadiga e procurar tratá-la.

Contudo, a essa mulher destinam-se ainda, os afazeres da casa e os cuidados com os filhos e esposo, o que justifica – sobretudo no tocante aos afazeres da casa – a presença da musa inspiradora de Ataúlfo Alves e Mário Lago Amélia dos Santos Ferreira⁴ ter seu lugar de destaque na coluna. Afinal, poderia uma mulher atender a todas as especificidades distintivas do feminino?

⁴<http://www.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u15975.shl>

Ou ainda, na esteira de Boleim (1990) firmada em Jung – só que em direção oposta à nossa – poderia a mulher atender aos apelos da multiplicidade de arquétipos, ‘deusas’, que habitam seu interior?

Acreditamos que seja essa a ideologia que Helen Palmer fazia circular. Feminino para ela significava ser completa dentro daquele sistema mítico-ritual herdado, historicizado e corroborado desde os primeiros tempos do patriarcalismo. Essa função pedagógica da colunista adequa-se perfeitamente com a ‘*Poliantéia comemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino do Imperial Liceu de Artes e Ofícios*’, publicado em 1881. (Apud STEIN, 1994. P. 42-7). Naquela ocasião, 126 homens de letras externaram suas opiniões sobre a instrução feminina. Dentre eles 63% acreditava que a educação deveria voltar-se para os valores morais e religiosos na mulher, a fim de torná-la apta a ‘elevar a família, a nação, e o mundo’, enquanto somente os 18% restantes acenavam para o ensino que promovesse sua emancipação, a fim de concorrer com os homens na sociedade. Machado de Assis se manifestava com um poema intitulado: *Dai à obra de Marta um pouco de Maria* (*Poliantéia*, p.33). Como sabemos o nome do poema evoca a passagem bíblica em que Jesus se encontra em casa de Lázaro, irmão de Marta e Maria. Na ocasião, Maria fica ouvindo os ensinamentos de Jesus, enquanto Marta cuida dos afazeres da casa, (Lucas 10, 38). Leiamos o poema:

Daí à obra de Marta um pouco de Maria,
Daí um beijo de sol ao descuidado
arbusto;
Vereis neste florir o tronco ereto e
adusto,
E mais gosto achareis naquela e mais
valia.

A doce mãe não perde o seu papel
augusto,
Nem o lar conjugal a perfeita harmonia.
Viverão dois onde um até aqui vivia,
E o trabalho haverá menos difícil custo.

Urge a vida encarar sem a mole apatia,
Ó mulher! Urge pôr no gracioso busto,
Sob o tépido seio, um coração robusto.

Nem erma escuridão, nem mal aceso
dia.
Basta um jorro de sol ao descuidado
arbusto,
Basta à obra de Marta um pouco de
Maria.

Machado atenta para a necessidade de se oferecer à mulher certa emancipação, desde que a obra de Marta continue na “ordem do dia”, atitude bastante contrária à de Jesus na referida passagem.⁵ De igual maneira manifesta-se a colunista. A mulher pode emancipar-se, desde que não esqueça seus compromissos primeiros, voltados para a feminilidade, tanto no que refere à condição de “rainha do lar” quanto no que se refere à condição de “ser-percebido”. Em artigo do dia 12/03/1959, intitulado *O dever da faceirice* observamos isso com mais clareza:

Algumas mulheres, felizmente poucas, relegam a faceirice a um plano secundário, explicando esse desinteresse como ‘superioridade intelectual’. Nada mais falso. A mulher moderna sabe que, apesar da evolução das ciências e das artes, o homem continua o mesmo, e o principal atrativo que encontra na mulher é a sua aparência física [...] A mulher que ama a um deles tem de fazer tudo para prendê-lo, portanto, e esse tudo é a sedução diária e constante. Eu sei, minha amiga! É cansativo isso, e um pouco tolo mas que se há de fazer? (PALMER, 1959).

Além da faceirice ela oferece outras dicas de como prender esse marido. Todas voltadas para o mito antigo “rainha do lar”, como dissemos anteriormente. O artigo do dia 06 de janeiro de 1960 intitulado *Bolo prende marido* sinaliza para isso.

Não. Não é nenhum bolo especial, pode ser esse mesmo que você faz de vez em quando. O segredo está aí, não fazê-lo ‘de vez em quando’, mas sempre, regularmente, variando apenas a forma e a apresentação. Os homens gostam de comer bem, e cabe a nós, mulheres, providenciar para que à mesa haja sempre alguma surpresa gostosa. Como sobremesa, como acompanhamento para o lanche, para o chá, ou para o café

⁵ Atentemos ao diálogo que se passa entre Jesus e Marta: Senhor, a ti não importa que minha irmã me deixe assim sozinha a fazer o serviço? Dize-lhe, pois, que me ajude”. O Senhor porém respondeu: “Marta, Marta, tu inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só. Maria, com efeito, escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada” (Lucas 10, 40-42). A melhor parte foi a opção de Maria: Trocar os afazeres da casa para ficar ouvindo os ensinamentos de Jesus.

da manhã, ou mesmo como guloseima de toda hora, o bolo, sem grandes requintes, fácil de fazer, pode ser a salvação da dona de casa, que quer ver seu marido e seus filhos satisfeitos. Este assunto foi-me sugerido pela leitura de uma notícia de que uma linda jovem senhora de Los Angeles foi desclassificada no pleito para a eleição de Mrs. América porque não sabe fazer bolos. Portadora de outros admiráveis dotes, inclusive de grande beleza, não possuía esse, e foi sumariamente desclassificada. Muito certo o julgamento da Comissão. Uma dona de casa que não sabe fazer um bolo! Realmente, é inadmissível. Como os juízes desses concursos geralmente são homens, vocês podem tirar as suas conclusões. Como vêm, um dos segredos de prender marido está bem à mão. É tratar de aproveitá-lo! (PALMER, 1960).

Conscientes da arbitrariedade dessa divisão sexual, via Helen Palmer, assim como através de um número incontável de teorias versando sobre o assunto, há uma outra questão que nos surpreende: Trata-se do grau de aceitabilidade em torno da questão, que Bourdieu esclarece-nos dizendo:

É a concordância entre as estruturas objetivas e as estruturas cognitivas, entre a conformação do ser e as formas de conhecer, entre o curso do mundo e as expectativas a esse respeito, que torna possível esta referência ao mundo que Husserl descrevia com o nome de 'atitude natural', ou de 'experiência dóxica' (BOURDIEU, 1999. p. 17).

Mas por que razão essa aceitabilidade e concordância se dão de forma tão pacífica?

Segundo Bourdieu as práticas culturais procuram relacionar, por analogia, o conjunto das oposições que organizam todo o cosmos com a oposição dos sexos. Talvez seja esta uma das razões porque achamos tal divisão natural – da natureza – já que elas estão inscritas no curso do mundo pelos ciclos biológicos e cósmicos. Como sabemos faz parte do imaginário masculino relacionar a mulher à natureza e o homem à cultura. Na coluna Helen Palmer volta-se para essa questão através da personagem Amélia. Ela, além de cuidar da limpeza da casa, ocupa-se da transformação do cru em cozido.

Infelizmente, já dissemos, quando buscamos a desmitificação do feminino corremos o risco de

criar uma reprodução do discurso patriarcal. Isso acontece porque quando trabalhamos com o binômio masculino/feminino tendemos sempre à comparação. Caso em que a mulher acaba sendo vista como a diferença do masculino, como se o masculino fosse o universal. Contudo acreditamos que é melhor correr esse risco do que nos calar por falta de um outro modo de abordar a questão.

Lucía Guerra desenvolveu um criterioso trabalho sobre essas oposições homólogas – como, por exemplo, alto/baixo, duro/mole, fora (público)/dentro (privado), etc. – e comprovou que nos sistemas tradicionais de simbolização a oposição direita/esquerda é equivalente à dicotomia entre o bem e o mal, e que as práticas culturais procuram relacionar o homem com o lado direito, portanto com o bem, e a mulher com o lado esquerdo, portanto com o mal.

No caso de Helen Palmer notamos um trabalho voltado mais para a oposição que tende a relacionar o homem com o que se encontra fora (espaço público) e a mulher com o que se encontra dentro (espaço privado). Além de vários artigos acenando para este fato, como os que chamam a atenção para a necessidade da mulher no lar, intuímos a existência de uma relação estreita entre a figura da mulher como ser percebido e a figura da mulher como esposa e mãe. Em um artigo do dia 16 de dezembro, de 1959 a colunista se manifesta:

antes de ser vaidosa ou dona de casa você é mãe, não é verdade? E eu sei que os seus filhos são sua principal preocupação. (PALMER, 1959).

Noutro artigo do dia 22 de janeiro de 1960 ela recorre a uns dizeres de Amiel:

A mulher é a salvação da família. Ela leva o destino da família nas pregas do seu vestido. (PALMER, 1959).

Afinal, sendo a colunista porta-voz de um sistema que preconizava manter a ordem simbólica através de um trabalho voltado para a construção de gêneros masculino e feminino, não descartaria de seu discurso o mercado matrimonial que, como sabemos, está na base de toda ordem social. Clarice Lispector acena para o fato, vejamos:

Desde pequena tinha visto e sentido a predominância das idéias dos homens sobre as das mulheres. Mamãe antes de se casar, segundo tia Emília, era um foguete, uma ruiva tempestuosa, com pensamentos próprios sobre liberdade e igualdade das mulheres. Mas veio papai,

muito sério e alto, com pensamentos próprios também sobre ... liberdade e igualdade das mulheres. O mal foi a coincidência da matéria. Houve um choque. E hoje mamãe cose e borda e canta ao piano e faz bolinhos aos sábados, tudo pontualmente e com alegria. Tem idéias próprias, ainda, mas se resumem numa: a mulher deve sempre seguir o marido, como a parte acessória segue o essencial (a comparação é minha, resultado das aulas do curso de direito) (Apud GOTLIB, 1995. p. 159).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o nosso trabalho nos propusemos tecer algumas considerações sobre o gênero a partir dos artigos veiculados por Clarice Lispector n'O *Correio feminino*, assinado com o pseudônimo de Helen Palmer.

Fomos conduzidos nesse nosso propósito pelos estudos de gênero desenvolvidos por Pierre Bourdieu, *A dominação masculina*; por Simone de Beauvoir, *O segundo sexo* e por Teresa de Lauretis, *A tecnologia de gênero* e outros afins. Os dois primeiros chamam atenção para as práticas sociais que se incumbem da construção de uma fronteira muito rígida entre o binômio masculino e feminino. A última adverte que o gênero deve ser refletido não somente atrelado às diferenças entre o masculino e o feminino, mas que deve ser pensado à luz de outras diferenças que se processam entre indivíduos do mesmo sexo. Alertou-nos, ainda, para a tecnologia de gênero que nos nossos dias continua a seu serviço.

À luz desses estudos e a partir dos artigos de Helen Palmer observamos que o gênero é um construto social, uma representação portanto. Não natural como nos levam a crer as práticas culturais tradicionalistas. O discurso sedutor da colonista faz ver como o *habitus* feminino é construído e como a conjunção deste com a diferença sexual transforma a mulher na diferença do homem e contribui para a sua alienação em seu próprio corpo, transformando-o no que Bourdieu (1999) chamou "corpo-para-o-outro".

O recorte volta-se para o corpo da mulher enquanto portador e produtor de signos. A colonista procura inscrever no corpo da mulher as suas funções e o seu papel no corpo social. Helen Palmer constrói o corpo perfeito e, ao fazê-lo vai construindo e estereotipando o gênero feminino que a história vem naturalizando ao longo dos séculos.

Quando elaboramos nosso artigo acreditamos que tal incorporação era resultado somente da performance da colonista. Agora estamos

compreendendo que, além da performance, tal incorporação se torna possível devido a um longo trabalho prévio operado nesses corpos, cabendo à colonista apenas "zelar" para que ele permaneça. Desta forma ela vai corroborando e também inculcando ilusões que passam a ser tomadas por verdadeiras, através de mitos variados. De forma que a aceitabilidade e concordância não são tão pacíficas assim. Além dos diversos exemplos que já citamos atentando para a questão, vale realçar o tom (imperativo) dos títulos de muitos artigos, tais como: Receita de casamento, A necessidade da dieta, Cultive sua boa aparência, Emagrecer ... sonho de tantas, Dormir bem ... e ser jovem ..., Quem falou em velhice?, Sua elegância, Conselho amigo, Para as futuras mães.

Essa nota parece apresentar contra si a multiplicidade de mulheres que já se libertaram da incorporação de certos mitos feminilizadores. Os abortos, a utilização de métodos anti-conceptivos, o trabalho fora do lar, certas atitudes (que antes se restringia ao universo masculino) podem ser dados como exemplos desse "estar fora" dos limites da casa paterna. Contudo, nenhuma lei instituiu a prática do aborto. Sendo assim, a mulher acaba sentindo-se culpada quando o pratica. Os métodos anti-conceptivos são usados mas as mulheres continuam tendo seus filhos; quando não os têm, não são raras as que praticam a adoção. Sobre o trabalho fora do lar, parece-nos pertinente afirmar que estão quase sempre ligados às atividades destinadas à mulher pela tradição, a saber: empregadas domésticas, babás, pediatras, manicures, pedicures, cabeleireiras, secretárias, enfermeiras, costureiras, balconistas, recepcionistas, aeromoças, dançarinas, professoras, etc.

Se verificarmos bem, esta lista remete-nos a idéia de que à mulher "emancipada" foram destinadas funções inferiores às dos homens, que continuam voltadas para os limites da casa paterna, que devem prestar-se à condição de "ser-percebido" e mais, que a elas cabem a função de guardiãs do "capital simbólico". Como já lembrou Bourdieu (1999:51) a lei social convertida em lei incorporada não pode ser sustada simplesmente. Para que os dualismos sejam ultrapassados muito há que se fazer ainda.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliane Lourenço de Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da**

globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números) Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. Trad. De C.A.C. Moreno. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org). **Pós-modernismo e política**, 2ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FOULCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Antônio Ramos Rosa. Lisboa: PORTUGÁLIA EDITORA, 1966.

FRANÇA, Júnia Lessa et al. **Manual para normalização de publicação técnica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

FRYE, Northrop. **Anatomy of criticism**. Princeton University Press. 1957. (Trad. Port. Péricles Eugênio da Silva Ramos), São Paulo: Cultrix, 1973.

GOTLIB, Nádia Battella. Retratos de Clarice. In: *Anais do VI Seminário nacional mulher e literatura*. XAVIER, Elódia. (Org.). Rio de Janeiro: NIELM, 1996. p. 67-72.

GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. 5ª. ed. São Paulo: Ática, 1995.

GUERRA, Lucía. **La mujer fragmentada: historias de um signo**. Bogotá: Colcultura, 1994.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LEACH, Edmund. **La genese comme mythe**. Trad. Andree Lyotard-May. In: Langages, juin, 1971. (Tradução para o português: Audemaro Taranto Goulart e Márcia Morais).

MONTECINOS, Sônia. **Madres y Huachos**. Santiago: Cuarto Propio, 1991.

PALMER, Helen [Clarice Lispector] **Correio feminino**: feira de utilidades. In: **O Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 1959-60.

PALMER, Helen. [Clarice Lispector]. Ser feia. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 outubro. 1959. **Correio feminino**: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Decálogo de beleza. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 16 setembro. 1959. **Correio feminino**: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. O dever da faceirice. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 março. 1959. **Correio Feminino**: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Fadiga .. inimiga da boa aparência. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 18 setembro. 1959. **Correio feminino**: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Emagrecer ... sonho de tantas. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 setembro. 1959. **Correio feminino**: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Cultive sua aparência. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, novembro. 1959. **Correio feminino**: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Correio das leitoras. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 18 novembro. 1959. **Correio feminino**: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Bolo prende marido. **O Correio da manhã**, Rio de Janeiro, janeiro. 1960. **O Correio Feminino**: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Nova maneira de prender marido. **O Correio da manhã**, Rio de Janeiro, 07 outubro. 1960. **Correio feminino**: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. C. elaboração no lar. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, janeiro. 1960. **O Correio Feminino**: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Qualidades para tornar a mulher mais sedutora. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 22 janeiro. 1960. **Correio feminino**: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. O que os homens não gostam. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 07 outubro. 1960. **Correio feminino**: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Voz irresistível. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 outubro. 1959. O Correio Feminino: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. O perfume. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 outubro. 1959. O Correio Feminino: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Seja elegante dançando. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 novembro. 1959. Correio feminino: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. O dever da faceirice. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 dezembro 1959. Correio feminino: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Seu andar. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20 novembro. 1959. O Correio Feminino: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Ria sempre. **O Correio da manhã**, Rio de Janeiro, 09 dezembro. 1959. Correio Feminino: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Beleza é cuidado e perseverança. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 novembro. 1959. Correio Feminino: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Você quer prolongar sua juventude? **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 09 outubro. 1959. Correio Feminino: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Vitaminas, saúde e ... mocidade. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro 21 outubro. 1959. Correio Feminino: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Para mães muito ocupadas. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 09 outubro. 1959. Correio Feminino: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. As indispensáveis armas femininas. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 novembro. 1959. Correio Feminino: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

_____. Amor materno. **O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 janeiro. 1960. Correio Feminino: feira de utilidades, Caderno 2. (s.p.)

AGENCIA FOLHA, Morre Amélia, musa inspiradora da música de Ataulfo Alves e Mário Lago. **Folha on line**. S. Paulo, 27.07.2001. Disponível em: <http://www.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u15975.shl>

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi. 4ª. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. v. 1 e v. 2. 9ª. ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERENGUER, Carmen et alii (Orgs). **Escribir en los bordes**. *Congresso Internacional de Literatura Feminina Latinoamericana*. 1987. Santiago: Cuarto Propio, 1990.

BÍBLIA sagrada. Trad. Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Sobre a televisão**. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

SADLER, Darlene. Os debates sobre a Mulher/Gênero na Teoria e Crítica Literária Feminista nos Estados Unidos. In: **Mulheres e literatura: (trans)formando identidades**. SCHMIDT, Rita Terezinha. (Org.). Porto Alegre: Editora Palloti, 1997. p. 17-34.

STEIN, Ingrid. **Figuras femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e terra, p. 42-7, 1984.